

Comportamento Semanal de Mercado

19 a 26 de maio

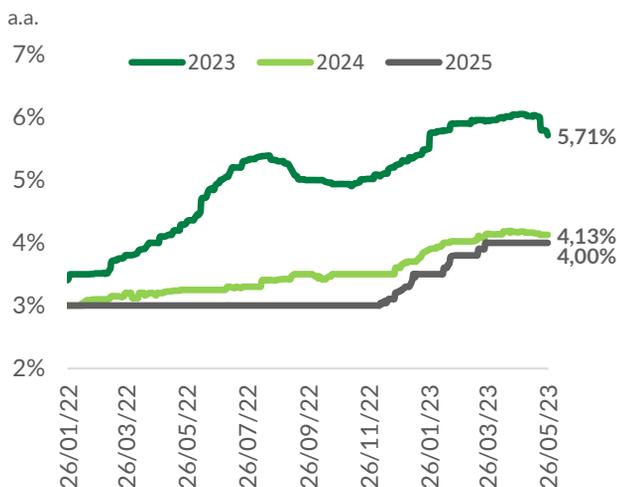


Inaceitavelmente lento

Apesar da volatilidade produzida pelas discussões acerca do teto da dívida nos EUA, o aspecto mais relevante da semana que se passou refere-se ao aumento da probabilidade da continuidade do ciclo de aumento de juros básicos pelo Federal Reserve. Com isso, as chances de um novo aumento de 0,25 p.p. na reunião de junho alcançaram 66,4%. Ajudou nesse movimento, a aceleração da inflação dos gastos pessoais com consumo de 4,2% a.a. em mar/21 para 4,4% a.a. em abril e da medida de núcleo que passou de 4,6% a.a. para 4,7% a.a.. Talvez de forma mais incisiva, contribuiu a diversidade de opiniões dos membros do Comitê de Política Monetária (Fomc) acerca da adequação de se ter uma política monetária mais restritiva em um cenário de um processo inaceitavelmente lento para a convergência da inflação à meta de 2,0%. A melhora do ambiente econômico interno, com a aprovação do novo arcabouço fiscal pela Câmara dos Deputados e os sinais cada mais consistentes do processo desinflacionário, se faz sentida na melhora nos prêmios implícitos na negociação das NTN-Bs. A curva da inflação implícita mostrou a taxa de 1 ano caindo de 4,09% para 3,74% na semana e a de 2 anos de 5,03% para 4,69%. Apesar da queda nos prêmios na curva de juros, a taxa real de juros *ex-ante* recuou -0,16 p.p. para 7,41% a.a., nível ainda bem elevado. Na semana, serão divulgados os dados do PIB do 1T23 mostrando um crescimento trimestral ao redor de 1,0%, sustentado fundamentalmente pela agropecuária no lado da oferta e na demanda pelo consumo das famílias. Apesar desse bom desempenho, o Boletim Focus indica um crescimento de apenas 1,3% em 2023. Por fim, a semana que se adentra traz ainda os números referentes ao 2T23, como a produção industrial, o mercado de trabalho e as sondagens de confiança.

Expectativas

Mediana das projeções - IPCA



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Ajustando-se à surpresa positiva do IPCA-15 de maio, a mediana das estimativas para o indicador cheio caiu de 0,43% para 0,39%, a de junho de 0,34% para 0,31% e a de julho de 0,36% para 0,35%. Com isso, a inflação esperada para 2023 recuou -0,09 p.p. em relação à edição anterior do Focus, ficando em 5,71%. Para os prazos mais longos, contudo, não houve alterações. Para 2024, o horizonte relevante da política monetária, a projeção seguiu em 4,13% e para 2025 em 4,00%.

A melhora do ambiente econômico, com a aprovação do novo arcabouço fiscal pela Câmara dos Deputados e os sinais mais consistentes do processo desinflacionário, se faz sentida na melhora nos prêmios implícitos na negociação das NTN-Bs. A curva da inflação implícita mostra a taxa de 1 ano caindo de 4,09% para 3,74% na semana, a de 2 anos de 5,03% para 4,69% e a de 3 anos de 5,42% para 5,10%.

O crescimento esperado do PIB em 2023 aumentou de 1,20% para 1,26%. Contudo, mantendo-se, ainda, em 1,30% para 2024 e em 1,70% para 2025. Com uma queda inicial de -0,25 p.p. prevista para setembro, a estimativa para a meta Selic se manteve em 12,50% a.a. ao final de 2023. Com a continuidade da flexibilização monetária, a taxa básica de juros terminaria 2024 em 10,0% a.a. e 2025 em 9,0% a.a.

Com o encaminhamento do novo marco fiscal abrindo espaço para um crescimento maior das despesas em 2024, a mediana das projeções para o déficit primário para 2023 aumentou de -1,00% para -1,10% do PIB. Para 2024, o resultado se manteve em -0,70% do PIB, variando de -0,37% para -0,21% do PIB para 2025. Por fim, a taxa de câmbio manteve o movimento de apreciação, de modo que a estimativa para o fim de 2023 cedeu -0,8% para R\$/US\$ 5,11, a para o término de 2024 caiu -0,5% pra R\$/US\$ 5,17, com a de 2025 permanecendo em R\$/US\$ 5,20.

Aversão ao Risco

A evolução da percepção de risco ao longo da semana esteve alinhada com o comportamento da conjuntura econômica nos EUA, que refletiu os entraves da negociação da elevação do teto da dívida e o recrudescimento das apostas na continuidade do aperto monetário, motivado pela ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Fomc) do Federal Reserve (Fed) mostrando uma cisão de entendimento entre os seus membros e pelos indicadores mostrando uma atividade mais forte e uma inflação mais persistente.

Com esse quadro, na sexta-feira (26/05), o *CME Group* indicava 66,4% de chance de uma alta de 0,25 p.p. na próxima reunião do Fomc, contra 33,6% de probabilidade de manutenção da taxa básica de juros entre 5,00% e 5,25% a.a.. Na semana, as taxas de juros dos *T-Notes* exibiram elevações de 0,26 p.p. para 4,54% a.a. para o vencimento de 2 anos, de 0,10 p.p. para 3,80% no de 10 anos e de apenas 0,01 p.p. para 3,96% no de 30 anos.

A aproximação de um acordo que aumentaria o teto da dívida por 2 anos, mas limitando uma série de gastos na maioria dos itens, ajudou na redução das tensões. Assim, conjugado com o otimismo em torno dos efeitos disruptivos da inteligência artificial favorecendo as cotações do setor de energia, o índice Nasdaq fechou a semana com uma alta de 2,5% e o S&P 500 de 0,3%.

Com algum pessimismo, quanto à dinâmica da atividade global, o índice Nikkei 225 elevou-se em 0,4%, enquanto houve quedas de -2,2% no Xangai, de -1,8% no Dax 40, de -1,7% no FSTE 100 e de -1,0% no Dow Jones.

Apesar dos receios com a demanda internacional, as cotações de algumas commodities alimentícias e energéticas encerraram a semana com ganhos. O preço da saca de soja negociada em Chicago subiu 2,3% para US\$ 1.337,3 e o do barril de petróleo tipo Brent subiu 1,8% para US\$ 77,0. Já a cotação do minério de ferro negociado em Qingdao recuou -3,0% para US\$ 99,30, em linha com a fraca recuperação chinesa.

Com recuperação na quinta e sexta-feira, o Ibovespa subiu 0,1%, o que representou a 5ª semana consecutiva com variação positiva. O prêmio ao risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -6,31 bps para 210,90 bps, refletindo um quadro fiscal mais favorável após a aprovação do novo arcabouço fiscal na Câmara dos Deputados.

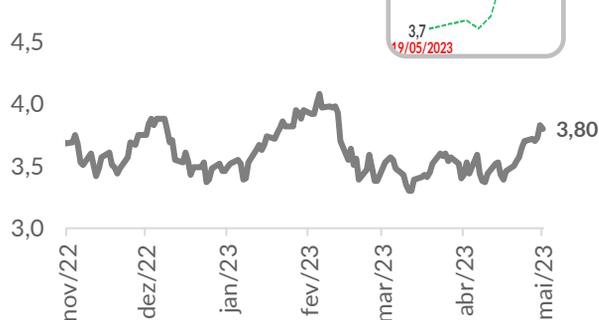
Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	26/05/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	110.906	0,1%	8,4%	-0,9%
Nasdaq	12.976	2,5%	9,5%	10,5%
S&P	4.205	0,3%	3,7%	3,6%
Dow Jones	33.093	-1,0%	-0,6%	1,4%
FTSE 100	7.627	-1,7%	-2,9%	0,8%
DAX 40	15.984	-1,8%	1,2%	12,3%
Nikkei 225	30.916	0,4%	8,8%	16,2%
Xangai	3.213	-2,2%	-1,6%	2,9%

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

T-Note

Rendimento em % a.a.



Taxa de Juros

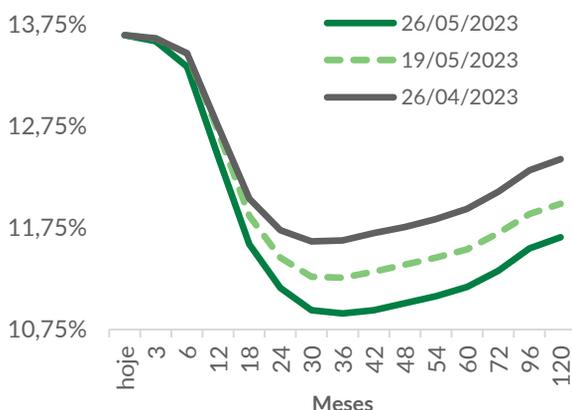
Na contramão dos mercados internacionais, as taxas de juros recuaram no mercado futuro de juros. Com quedas maiores para os prazos mais longos, houve redução na inclinação da Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) e quedas nas taxas de todos os vértices. Contribuíram para o quadro positivo, a boa recepção pelos investidores da aprovação do novo arcabouço fiscal na Câmara dos Deputados, o IPCA-15 de abril mostrando um quadro mais favorável para a desinflação.

Com isso, a taxa de 6 meses saiu de 13,47% a.a. no fechamento da semana anterior para 13,34% a.a., a de 1 ano foi de 12,70% a.a. para 12,45% a.a., a de 2 anos saiu de 11,46% a.a. para 11,16% a.a., a de 3 de 11,26% a.a. para 10,91% a.a., a de 4 de 11,39% a.a. para 11,01% a.a., a de 5 de 11,54% a.a. para 11,17% e a de 10 saiu de 11,99% a.a. para 11,66% a.a..

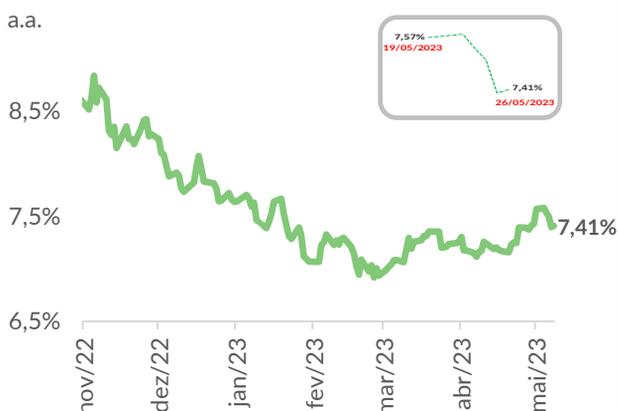
Com a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias em 12,45% a.a. e com a inflação esperada para os próximos 12 meses caindo - 0,08 p.p. na semana para 4,69%, a taxa real de juros *ex-ante* encerrou em 7,41% a.a., o que representou uma queda de -0,16 p.p. no período, contudo, ainda em patamar bem restritivo.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, recuou -0,04 p.p. na semana para -0,79 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas de pré de 10 anos e de 1 ano, na divulgação de títulos públicos na Anbima, caiu - 0,11 p.p. para -0,65 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

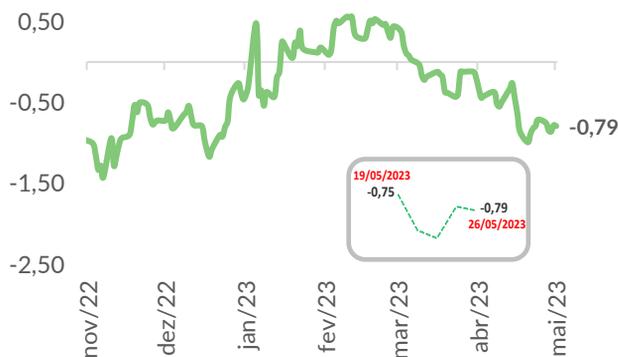


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

A evolução do dólar no mercado internacional, também, respondeu aos entraves da negociação da elevação do teto da dívida e o recrudescimento das apostas na continuidade do aperto monetário.

Com esse cenário, a divisa dos EUA encerrou a semana com ganhos frente às moedas dos países desenvolvidos. Já em relação às dos emergentes, houve estabilidade que se beneficiou da recuperação nas cotações de commodities alimentícias e energéticas.

O Dollar Index, que mede o desempenho da moeda norte-americana frente às dos países desenvolvidos, subiu 0,98% na semana, alavancado pelas depreciações de 0,82% na libra esterlina e de 0,76% no euro.

Por sua vez, o índice que calcula a variação das moedas de países emergentes em relação ao dólar encerrou com estabilidade na semana, refletindo as depreciações de 1,03% no rand sul-africano e de 1,24% no peso argentino, além das apreciações de 1,81% no peso colombiano, de 1,18% no rublo russo e de 0,90% no peso mexicano.

Em linha com a média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana com ligeira apreciação de 0,06%, com o dólar cotado a R\$ 5,00, após alcançar R\$ 5,04 na quinta (25/05). Na semana, o Banco Central atuou no mercado cambial com a rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 03/07/2023.

Real/US\$



Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	26/05/2023	Semana	Mês	12 meses	
Real	5,00	-0,06%	-0,98%	4,77%	
Euro	0,93	0,76%	2,97%	0,02%	
Libra esterlina	0,81	0,82%	1,01%	2,07%	
Rand sulafricano	19,65	1,03%	6,81%	25,12%	
Peso mexicano	17,63	-0,90%	-2,88%	-10,83%	
Peso argentino	235,74	1,24%	6,40%	97,40%	
Peso colombiano	4447,31	-1,81%	-1,77%	13,32%	
Rublo russo	79,37	-1,18%	-3,29%	23,24%	

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Ata do Fomc – Mai/23

O conteúdo da ata do Fomc explicitou a diversidade de opiniões dos seus membros no que tange à adequação de se ter uma política monetária mais restritiva.

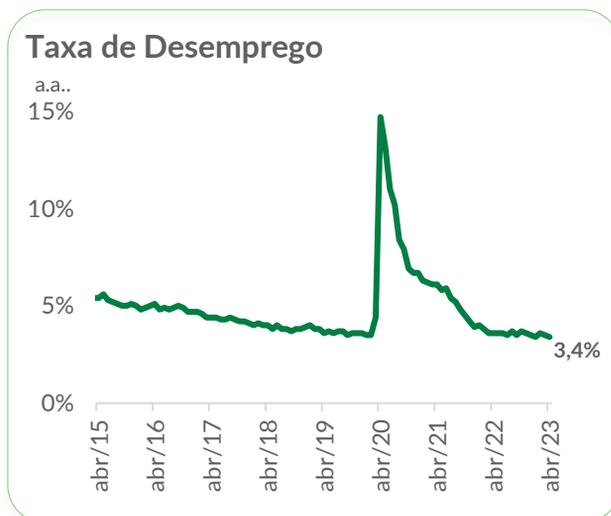
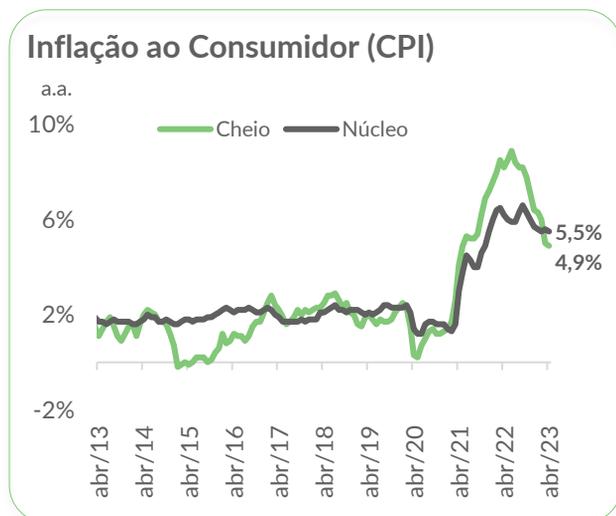
Na avaliação das ações apropriadas de política monetária, os participantes concordaram que a inflação permaneceu substancialmente elevada em relação à meta de longo prazo de 2%. A atividade econômica expandiu-se por um ritmo modesto no 1T23. O mercado de trabalho continuou pressionado, com um avanço robusto no emprego e a taxa de desemprego permanecendo baixa.

Assinalou-se, também que os desdobramentos recentes no setor bancário provavelmente resultariam em condições de crédito mais restritivas para famílias e empresas, com impacto na inflação e atividade. No entanto, a extensão desses efeitos era incerta. Diante desse cenário, todos os participantes concordaram que era apropriado aumentar a faixa-alvo para a taxa básica em 0,25 p.p., para 5,00% a 5,25% e manter o processo de redução das posições em ativos do Fed.

De maneira geral, houve alinhamento de que por causa dos efeitos defasados e cumulativos do aperto monetário e dos efeitos potenciais de um aperto adicional nas condições de crédito, a adequação de aumentos adicionais na taxa de juros ficou mais incerta. À luz dos riscos proeminentes para os objetivos em relação ao emprego máximo e à estabilidade de preços, os participantes em geral observaram a importância de monitorar de perto as informações recebidas e suas implicações para as perspectivas econômicas.

Para avaliação de que o movimento de alta de juros seja apropriado para que a inflação convirja para 2%, alguns fatores deveriam ser considerados: (1) o grau e o momento em o ciclo impactaria a atividade e inflação (alguns membros já viam algumas evidências); (2) de que forma as condições de crédito mais restritivas para famílias e empresas resultantes da crise no setor bancário afetariam a atividade e inflação; e (3) o ritmo de decompressão das condições do mercado de trabalho.

Levando em conta esses aspectos, discutiu-se até que ponto uma política mais dura a frente seria apropriada. De uma forma geral, os participantes expressaram a sua incerteza sobre a necessidade de novas elevações nas taxas de juros, porém outros destacaram a importância em se deixar aberta essa opção. Vários participantes observaram que, se a economia evoluísse de acordo com as suas projeções, talvez não fosse necessário mais aperto. Por outro lado, alguns membros sublinharam a expectativa de um processo de desinflação inaceitavelmente lento, o que provavelmente exigiria um reforço adicional da política monetária nas próximas reuniões.



Fonte: Federal Reserve. Elaboração: ABBC.

Economia Internacional – Mai/23

Aumentando a probabilidade da continuidade do ciclo de aperto monetário pelo Federal Reserve, a inflação medida pelos gastos pessoais com consumo (PCE) nos EUA acelerou de 0,1% em mar/23 para 0,4%. Dessa forma, a taxa anualizada saltou de 4,2% a.a. para 4,4% a.a.. Excluindo-se os alimentos e energia, a taxa mensal passou de 0,3% para 0,4% em abril. Em 12 meses, essa medida de núcleo passou de 4,6% a.a. para 4,7% a.a.. Na ata, o Fomc revisou para cima a projeção do PCE acumulado em 4 trimestres para 3,1% em 2023, com o núcleo atingindo 3,8% a.a..

Do lado da atividade, representando cerca de 10% do mercado imobiliário nos EUA, as vendas de novos imóveis cresceram 4,1% em abril ante mar/23, saindo de 656 mil unidades (dado anualizado e revisado) para 683 mil. O aumento contrariou a expectativa de uma queda de -2,6% dos analistas.

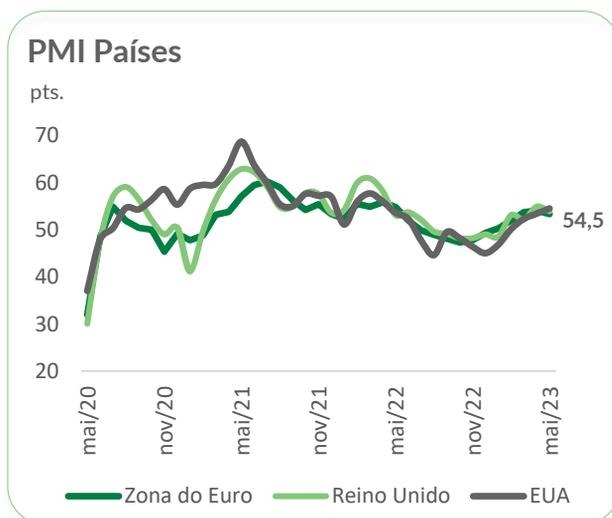
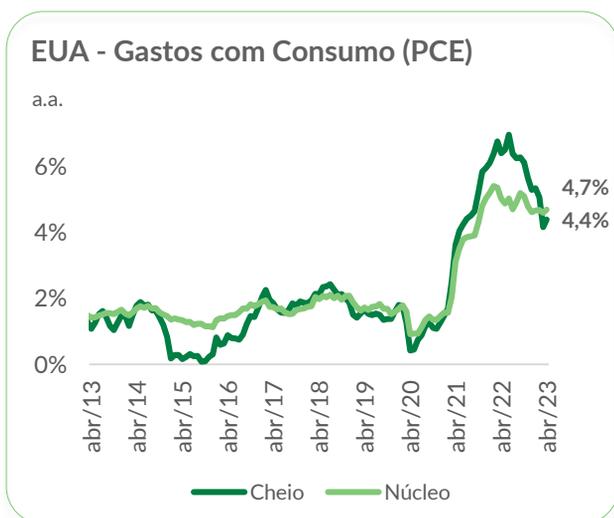
A prévia do Índice de Gerentes de Compras (PMI) composto, medido pela S&P Global, subiu de 53,4 pts. em abr/23 para 54,5 pts. em maio, indicando uma perspectiva de expansão futura da atividade. Os números continuaram mostrando um enfraquecimento da manufatura, de 50,2 pts. em abr/23 para 48,5 pts., e uma expansão do setor de serviços, de 53,6 pts. para 55,1 pts., esse último favorecido pelo aumento da demanda pós-pandemia, sobretudo em viagens e lazer.

Já o índice de sentimento do consumidor, medido pela Universidade de Michigan, caiu de 63,5 pts. em abr/23 para 59,2 pts. em maio, ante uma estimativa de 57,7 pts.. As expectativas de inflação em 1 ano recuaram de 4,6% em abril para 4,2% em maio, e as de 5 anos avançaram de 3,0% em abril para 3,1%.

Na Europa, os Indicadores antecedentes reforçaram os sinais de desaceleração da atividade econômica. A prévia do PMI composto recuou a 53,3 pts. em maio, ante 54,1 pts. em abr/23, puxado também pelo fraco desempenho da indústria, que alcançou 44,6 pts. em maio após marcar 45,8 pts. em abr/23, caindo ao menor nível desde jun/20. Ao mesmo tempo, o índice do setor de serviços passou de 56,2 pts. em abr/23 para 55,9 pts.. Ainda na Zona do Euro, a confiança do consumidor oscilou de -17,5 pts. em abr/23 para -17,4 pts. em maio, em uma leitura preliminar pouco abaixo do número previsto de -17,0 pts., mantendo-se muito aquém de sua média histórica.

No Reino Unido, os números do PMI foram similares, mostrando enfraquecimento da indústria e um setor de serviços mais forte. Após exibir uma variação de 10,1% a.a. em mar/23, os preços ao consumidor avançavam em 8,7% a.a. em abril, valor acima de uma taxa esperada de 8,2% a.a. Como a inflação se mantém persistentemente alta, cresce a probabilidade de que o Banco da Inglaterra (BoE) aumente a taxa de juros, atualmente em 4,75% a.a..

Por fim, na Alemanha, a queda de -0,3% do PIB no 1T23 na comparação com os 3 meses anteriores, após a retração de -0,5% no 4T22 confirmou a entrada do país em recessão técnica.



Fonte: Bloomberg. Elaboração: ABBC.

Monitor do PIB – Mar/23

O estudo do Monitor do PIB do IBRE mostrou que a atividade econômica avançou 1,6% no 1T23 em comparação com o 4T22, na série com ajuste sazonal. Em relação ao 1T22 o crescimento foi de 3,6%. Na evolução mensal, houve uma expansão de 1,8% em março ante fev/23 e de 4,5% ante mar/22.

O resultado do 1T23 deve-se, sobretudo, ao expressivo desempenho da agropecuária, com um avanço de 10,9%, e a boa performance do setor de serviços. Apesar de ter se destacado no início do ano com uma safra recorde de soja, a indústria agropecuária não deve manter o ritmo de crescimento no decorrer do ano, dado que o período de colheita da commodity se concentra no primeiro trimestre.

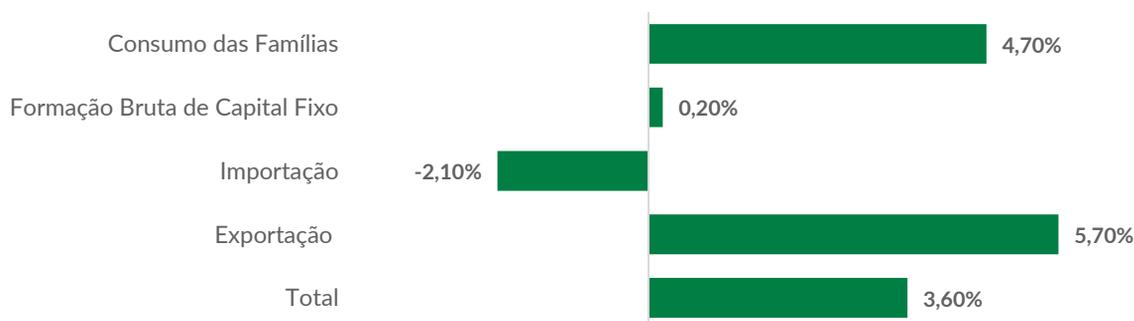
Menos volátil, a análise desagregada dos componentes da demanda na série trimestral interanual apontou uma expansão de 4,7% no consumo das famílias ante o 1T22, alavancada pelo consumo de serviços e de bens não duráveis, sobretudo os combustíveis, ao passo que os semiduráveis se retraíram no período.

Ainda, as exportações cresceram 5,7%, impulsionadas pelos embarques de produtos da extrativa mineral e de serviços, enquanto os bens intermediários contribuíram negativamente. Por outro lado, as importações retraíram-se em -2,1% no período. A dinâmica refletiu a queda nas importações de produtos agropecuários, extrativa e de bens intermediários, enquanto o segmento de serviços vem reduzindo sua contribuição.

Por fim, a formação bruta de capital fixo (FBCF) registrou um fraco crescimento de 0,2% no 1T23 ante o 1T22, resultado de uma queda de -3,4% de máquinas e equipamentos, embora o segmento de construção tenha registrado crescimento de 2,4%.

A FGV estima ainda que a taxa de investimento foi de 15,7% no 1T23, ficando, assim, em um patamar próximo à taxa de investimento registrada em 2017, ano em que a economia também foi bastante influenciada pelo desempenho da agropecuária.

Varição Trimestral 1T23 ante 1T22



Fonte: FGV IBRE. Elaboração: ABBC.

IPCA-15 - Mai/23

A inflação pelo IPCA-15 desacelerou de 0,57% em abr/23 para 0,51% em maio, resultado abaixo das expectativas de uma alta de 0,64%. Na variação anual, o índice também apresentou um ritmo mais lento, saindo de 4,16% a.a. em abr/23 para 4,07% a.a. em maio (12,20% a.a. em mai/22).

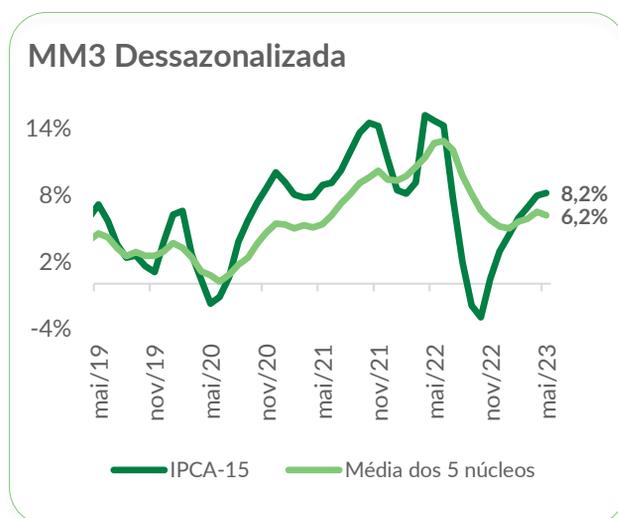
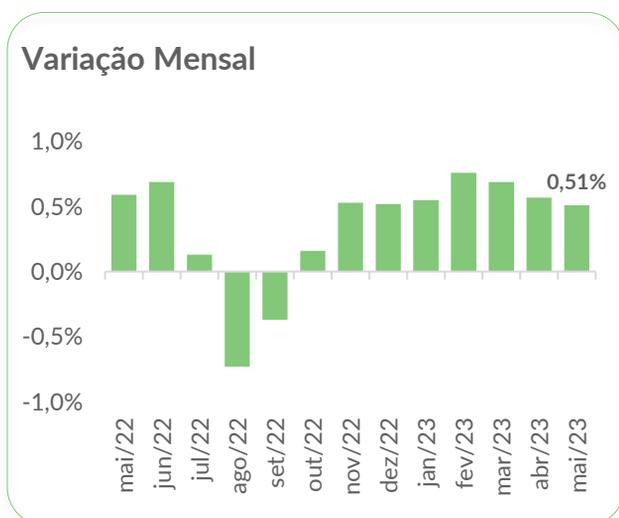
Dentre os 9 componentes do IPCA-15, 7 variaram positivamente. Nesse sentido, destacou-se a categoria Saúde e Cuidados Pessoais, com um crescimento de 1,49% no mês ante 1,04% em abr/23 e impacto de 0,20 p.p. no índice do mês, ainda alavancado pelo aumento nos preços dos produtos farmacêuticos (2,68%), após a autorização do reajuste de até 5,6% no preço dos medicamentos a partir de 31 de março.

Respondendo também por 0,20 p.p. no indicador, o grupo de Alimentação e Bebidas deu um salto considerável frente do 0,04% registrado em abr/23 para 0,94% no mês, impactado pela alta no subgrupo de alimentação no domicílio, que fechou em 1,02% após ter recuado -0,15% no mês anterior.

Ainda, com os reajustes de tarifas de contas de energia elétrica e de água e esgoto, Habitação avançou 0,43% no mês ante 0,48% em abr/23, impactando em 0,07 p.p. no índice do mês.

No outro extremo, Artigos de Residência registraram deflação de -0,28% após a alta de 0,07% em abr/23, resultado de quedas em itens de TV, som e informática (-1,44%) e em eletrodomésticos e equipamentos (-0,92%). Enquanto Transportes retraiu-se de 1,44% em abr/23 para -0,04%, puxado pelas passagens aéreas, cujos preços registraram queda de -17,26%, ante uma alta de 11,96% em abril. Combustíveis tiveram uma ligeira alta de 0,12%, dado o avanço do preço do etanol (3,62%), embora tenham registrado quedas o diesel (-2,76%), o gás veicular (-0,44%) e a gasolina (-0,21%).

Em termos anualizados, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central reduziu-se, passando de 7,49% a.a. em abr/23 para 6,76% a.a.. Na média móvel trimestral (MM3) dessazonalizada, o IPCA-15 avançou de 7,9% a.a. para 8,2% a.a., mas a MM3 dos 5 núcleos também desacelerou de 6,5% a.a. para 6,2% a.a.. Dentre as medidas subjacentes, a taxa referente a serviços passou de 6,1% a.a. para 5,8% a.a., bens industriais foi de 7,3% a.a. para 5,7% a.a. e alimentação de 5,2% a.a. para 5,1% a.a.. A evolução recente da inflação e o anúncio de incentivos fiscais para aquisição de veículo pessoal adicionam viés baixista ao indicador para 2023.



Fonte: IBGE. Elaboração: ABBC.

Transações Correntes – Abr/23

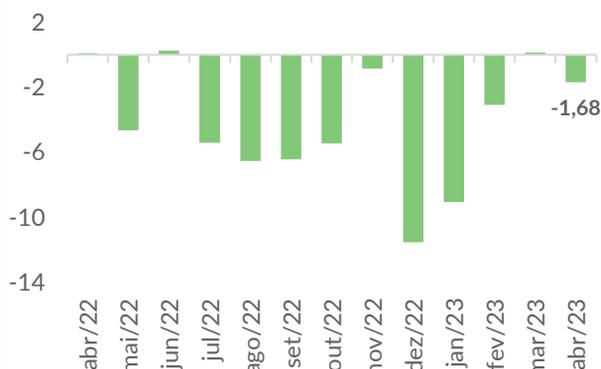
Acima da expectativa de um saldo negativo de US\$ -250 milhões, o país registrou um déficit em transações correntes de US\$ -1,68 bilhão em abril (US\$ 139 milhões em mar/23 e US\$ 100 milhões em abr/22), resultado da diferença entre US\$ 34,05 bilhões em receitas e de US\$ -35,73 bilhões em despesas. A dinâmica mensal refletiu o resultado na conta de renda primária, que apresentou resultado negativo de US\$ -5,37 bilhões no mês ante US\$ -6,44 bilhões em mar/23 (US\$ -3,79 bilhões em abr/22). Ainda, o saldo da balança comercial de bens reduziu-se de US\$ 9,34 bilhões em mar/23 para US\$ 6,94 bilhões (US\$ 6,82 bilhões em abr/22). As exportações de bens somaram US\$ 27,57 bilhões, uma queda de -16,8% no mês, enquanto as importações registraram queda de -13,3%, totalizando US\$ 20,63 bilhões.

Ao mesmo tempo, o déficit na conta de serviços, que inclui as viagens ao exterior, elevou-se de US\$ -2,86 bilhões em mar/23 para US\$ -3,16 bilhões (US\$ -3,20 bilhões em abr/22), respondendo ao aumento da despesa líquida com viagens, de US\$ -546 milhões para US\$ -784 milhões.

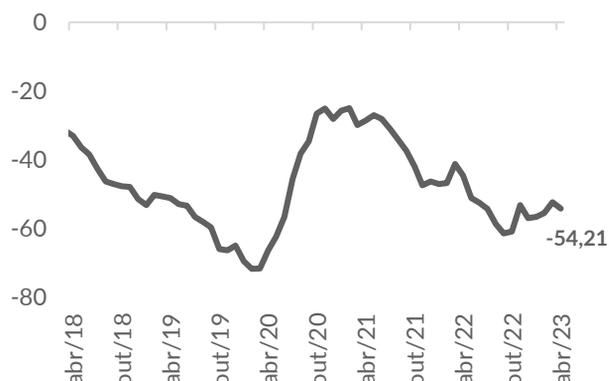
O fluxo de investimento estrangeiro no país seguiu positivo, mas em ritmo mais moderado, passando de US\$ 7,67 bilhões em mar/23 para US\$ 3,31 bilhões (US\$ 11,08 bilhões em abr/22). Os ingressos líquidos na participação no capital reduziram-se de US\$ 6,43 bilhões em mar/23 para US\$ 4,41 bilhões, enquanto o saldo das operações intercompanhia ficou deficitário em US\$ -1,10 bilhão ante um superávit de US\$ 1,24 bilhões em mar/23.

Em termos anualizados, o déficit acumulado em transações correntes aumentou de US\$ -52,43 bilhões em mar/23 para US\$ -54,21 bilhões em abril (US\$ -44,59 bilhões em abr/22), o equivalente a 2,76% do PIB (2,67% do PIB em mar/23 e 2,56% do PIB em abr/22). Ainda, o IDP acumulado somou US\$ 81,96 bilhões (4,17% do PIB) em abril, ante US\$ 89,73 bilhões (4,57% do PIB) em mar/23 (US\$ 54,31 bilhões em abr/22 e 3,12% do PIB). Apesar da redução mensal, o montante é mais que o suficiente para financiar o déficit da conta corrente.

Saldo Mensal
Em US\$ Bilhões



Saldo Acumulado em 12 Meses
Em US\$ bilhões



IDP – Saldo Acumulado em Meses
Em US\$ Bilhões



Fonte: BCB. Elaboração: ABBC.

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	1,0	1,4
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	9,3	9,0
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	5,7	4,1
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	0,7	4,2
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50	9,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	60,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-47,0	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,10	5,20
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,8	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0	80,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688